

The Project Gutenberg EBook of Vamiré, by J. H. Rosny

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.net

Title: Vamiré
Romance dos tempos primitivos

Author: J. H. Rosny

Translator: Cândido de Figueiredo

Release Date: June 24, 2009 [EBook #29213]

Language: Portuguese

Character set encoding: ISO-8859-1

*** START OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK VAMIRÉ ***

Produced by M. Silva

Notas de transcrição: Este texto é uma transcrição do original de 1905, tendo-se actualizado a grafia para a variante europeia da língua portuguesa (pré-acordo ortográfico de 1990).
Foram corrigidos alguns erros tipográficos evidentes.
Na versão em HTML o índice foi posicionado no início do texto para facilitar a consulta.

VAMIRÉ

ROMANCE DOS TEMPOS PRIMITIVOS

Traduzido de **J. H. Rosny**

POR

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

LISBOA
LIVRARIA EDITORA
VIÚVA TAVARES CARDOSO
5, Largo do Camões, 6
1905

VAMIRÉ

ROMANCE DOS TEMPOS PRIMITIVOS

PORTO—TIP. DE A. J. DA SILVA TEIXEIRA, SUCESSORA.
Rua da Cancela Velha, 70

VAMIRÉ

ROMANCE DOS TEMPOS PRIMITIVOS

Traduzido de **J. H. Rosny**

POR

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

LISBOA
LIVRARIA EDITORA
VIÚVA TAVARES CARDOSO
5, Largo do Camões, 6
1905

Índice

- [PALAVRAS DO TRADUTOR](#)
- [I. Guerra nocturna](#)
- [II. A horda](#)
- [III. O funeral de Vanhab](#)
- [IV. A ilhota](#)
- [V. O homem das árvores](#)
- [VI. Contra-anúncio](#)
- [VII. A perseguição](#)
- [VIII. Noite na floresta](#)

- [IX. O idílio nascente](#)
- [X. Combate](#)
- [XI. Vamiré](#)
- [XII. O mamute](#)
- [XIII. Entre os orientais](#)
- [XIV. Reconquista](#)
- [XV. Reforços](#)
- [XVI. A chuva](#)
- [XVII. Os aliados](#)
- [XVIII. Os vermívoros](#)
- [XIX. Na ilhota](#)
- [XX. Assalto à ilhota](#)
- [XXI. A derrota](#)
- [XXII. O incêndio](#)
- [XXIII. Regresso](#)

PALAVRAS DO TRADUTOR

Há dez ou doze anos, li numa Revista estrangeira uma extraordinária narrativa romântica, que o seu autor, o sr. J. H. Rosny, intitulava *Vamiré*.

Referia-se a narrativa aos tempos primitivos da humanidade, e atestava tão raros predicados de artista e tão vasto conhecimento da pré-história natural, que senti a tentação de a verter para a nossa língua.

Não obstante a dificuldade de uma versão exacta do romance, procurei remover ou atenuar essa dificuldade, e estampeei alguns capítulos na imprensa periódica desse tempo, verificando que o conceito de apreciadores competentes autorizava o conceito que a obra me inspirava.

Decorreram alguns anos e, relendo o meu{VI} desambicioso trabalho, ainda entendi que valia a pena reduzi-lo a livro, não pela tradução em si, mas pelos predicados essenciais da obra do sr. J. H. Rosny.

Já aludi à dificuldade da tradução, e lealmente confesso que mais de uma vez hesitei sobre se devia pôr de lado o meu tentame, para não desprezar a *estilização* do autor, ou se devia acatar estritamente a ousada originalidade da forma, ou se me cumpriria conciliar essa originalidade com as exigências normais do idioma português.

Com efeito, a prosa do sr. J. H. Rosny, no *Vamiré*, abunda em vocábulos que, se não foram criados pelo autor, são, pelo menos, estranhos aos léxicos correntes da língua francesa; a adjectivação é, por vezes, de um arrojo, que deve ter feito calafrios à Academia Francesa; e o pensamento, de longe em longe, aperta-se em sínteses tão cerradas, que não ressalta facilmente a olhos desprevenidos.

Mas todas estas qualidades se relacionam, até certo ponto, com o estranho cenário que o *Vamiré* nos desenrola, com os cambiantes misteriosos da linguagem nascente, e com a vaga psicologia do homem primitivo. De maneira{VII} que poderá capitular-se de beleza o que, a revezes, se antolhe obscuridade e nimio arrojo ao leitor vulgar.

E, assim, eu próprio, seduzido porventura pelo brilho encantador da concepção do sr. Rosny, e pelo esplendor imprevisto da sua linguagem, reproduzi formas, que eu relegaria de trabalhos originais meus, mas que são características de um grande talento insubmisso, que se espraia, poderoso e intemerato, nas estepes e florestas do mundo pré-histórico.

Os puristas absolver-me-ão pois de uma ou outra condescendência com brilhantes ousadias, e os leitores de romances terão neste livro um salutar correctivo à romançada piegas, que entulha as livrarias, e desvela as noites da mocidade ingénua.

Lisboa, 1 de Janeiro de 1905.

C. de F.

VAMIRÉ

ROMANCE DOS TEMPOS PRIMITIVOS

I

Guerra nocturna

Foi há vinte mil anos.

O pólo Norte defrontava com uma estrela da constelação do *Cisne*.

Nas planícies da Europa, ia extinguir-se o mamute, as grandes feras emigravam para o país da Luz; a rena fugia para o setentrião. O auroco^[1], o uro^[2], o veado apascentavam-se na erva das florestas e das planícies. O urso colosso, muitos tempos antes, havia já passado além da região das cavernas.

Os homens da Europa, os grandes doliocéfalos^[3], achavam-se então disseminados desde o Báltico ao Mediterrâneo, desde o Ocidente ao Oriente. Habitantes das{2} cavernas, mais relacionados que os seus avós da idade da pedra, mas sempre nómadas, a sua indústria elevava-se, a sua arte era graciosa. Esboços traçados a buril fraco, tímidos mas fiéis, representavam a luta do cérebro no encaço do sonho, contra a brutalidade dos apetites. Séculos depois, com a invasão asiática, a arte decairá, e o gracioso tipo daquela indústria só reaparecerá ao cabo de longos períodos.

Era no Oriente meridional, na estação em que as plantas abotoam.

A noite ia em dois terços. Na claridade cinzenta de um grande vale, reboavam as vozes dos animais carnívoros. Nos intervalos de silêncio, um rio cantava a vida dos fluidos, a eufonia das ondas. Os amieiros e os álamos respondiam em murmúrios, em harmonias intermitentes. A estrela *Vénus* engastava-se no Levante. A teoria das constelações imortais descortinava-se entre as nuvens erradias; *Altaír*, *Vega*, a *Carreta* rodeavam lentamente a *Polar* do *Cisne*.

Em quanto a vida palpitava nas trevas, feroz ou apavorada, arrojada às festas e às batalhas do amor ou da alimentação, veio juntar-se-lhe um pensamento. À beira do rio, no pontal de uma rocha solitária, um vulto ressaui da caverna dos homens, e ficou imóvel, taciturno, atento, olhando a revezes a estrela do Levante. Algum devaneio, algum esboço de estética astral, menos raro entre estes avoengos da arte do que em muitas populações históricas, preocupava o madrugador. O vigor e a felicidade palpitavam nas suas veias; o hálito da noite perfumava-lhe o rosto; e ele, na plena consciência^{3} da sua força, fruía, intemerato, os murmúrios e a calmaria da natureza virgem.

Entrementes, por baixo da estrela *Vénus*, transpareceu um pequenino clarão. O alfange da lua apontou, os seus raios estenderam-se pelo rio e pelas árvores, entremeados de longas sombras. O homem exibiu então as suas formas de corpulento caçador, de ombros cobertos de uma pele de uro. O seu rosto pálido, pintado com traços de minio, era largo, sob um crânio alongado e resistente. A sua zagaia, de ponta córnea, projectava-lhe no corpo sombras em zigzague; e na sua mão direita firmava-se uma enorme clava de carvalho.

Ao estirarem-se os raios lunares, a paisagem entrou numa existência menos selvagem. Nos amieiros, havia frémito de asas dos elitros brancos; na planície, nesgas entreabertas de paraíso; em todas as coisas uma palpação sensível; tímidos protestos contra os pavores da sombra.

O homem, fatigado da imobilidade, caminhava ao longo do rio, com o passo cauteloso de quem procura presa. A quinhentos cúbitos, parou, à espreita, de zagaia firme, na altura da testa. Pela orla de um bosque de bordos, aproximou-se um vulto ágil, um grande veado de dez pontas.

O caçador hesitou; mas a sua tribo devia estar muito provida de caça, porque o animal, sem ser perseguido, foi-se afastando, projectadas sobre a claridade avermelhada as pernas delgadas, a cabeça repuxada para trás, todo o gracioso organismo em carreira.

—Lô! Lô!—disse o caçador, num movimento de simpatia.^{4}

O instinto predizia-lhe a aproximação de inimigo feroz, algum potente felino, que andaria caçando. Efectivamente, meio minuto depois, surgiu da banda de além da rocha dos trogloditas um leopardo, aos pulos, ligeiro como um raio. O homem preparou a zagaia e a clava, atento, de narículas latejantes e nervos inquietos. O leopardo atravessou o rio como uma porção de espuma, e imergiu nas sombras da perspectiva. E todavia o delicado ouvido do caçador ainda, durante alguns minutos, percebeu os passos da fera sobre a terra mole.

—Lô! Lô!—repetiu ele, levemente comovido, numa atitude de provocação grandiosa.

Decorreram minutos. As pontas da lua tornavam-se mais nítidas; pequenos animais agitavam levemente as moitas da ribanceira; grandes batráquios coaxavam sobre as plantas fluviais.

O homem libou a simples voluptuosidade de viver ante a magnificência das grandes águas, a mesclada difusão dos claros e dos escuros; depois, afastou-se de novo, à escuta, de olhos afeitos às penumbras, espreitando as ciladas da noite.

—Hoi?—murmurou ele interrogativamente, refugiando-se na sombra de um moitado.

Um rumor de galope, vago ao principio, aproximava-se, evidenciava-se. O veado reapareceu, tão rápido mas menos exacto na direitura da carreira, suando, de respiração alta, ofegante. A cinquenta passos, o leopardo, sem fadiga, gracioso, já triunfante.

O homem admirava, desgostoso, a pronta vitória do{5} carnívoro, com um desejo crescente de intervir, quando sobreveio uma peripécia terrível. Lá em baixo, à orla da moita de bordos, em pleno luar, ressaía um vulto maciço, em que, pelo rugido cavo, pelo salto de vinte cúbitos, e pela farta crina, o homem reconheceu a quase soberana fera,—o leão.

O pobre veado, desorientado pela surpresa, deu uma volta precipitada e desastrosa, retrocedeu, e achou-se logo sob as garras cortantes do leopardo.

Luta rápida, sangrenta; o arranco do veado agonizante; e o leopardo, sobressaltado, ficou imóvel: o leão aproximava-se tranquilamente. A trinta passos, estacou, com um bramido, sem preparar assalto. O leopardo quaternário, corpulento, hesitou, furioso de se lhe ter malogrado o esforço, e pensando em aventurar-se a combater. Mas a voz do dominador, agora mais alta, reboou pelo vale, dando sinal de ataque, e o leopardo cedeu, afastando-se vagarosamente, de cabeça voltada para o tirano, com um miar de raiva e de humilhação. O outro despedaçava o veado; devorava, a grandes pedaços, a presa roubada, sem pensar no vencido, que prosseguia na retirada, devassando a penumbra com os seus olhos de oiro-esmeralda.

O homem, a quem a vizinhança do leão aconselhava prudência, aconchegava-se cautelosamente no seu abrigo frondoso, mas sem terror, disposto para qualquer aventura.

Depois de alguns instantes de deglutição furiosa, o leão interrompeu-se: perturbação, dúvidas, transpareceram em todo o seu aspecto, no tremor da juba, no{6} espreitar angustioso. De repente, com a força de uma convicção, tomou o veado, deitou-o para as costas e pôs-se em fuga. Teria andado

quatrocentos cúbitos, quando junto a orla, onde ele tinha aparecido, surgiu um animal monstruoso. Intermediário ao leão e ao tigre no aspecto e na forma, mas mais colossal, soberano das florestas e planícies, era o símbolo da força, erecto, sob a vaporosa claridade. O homem tremeu, abalado no íntimo das suas entranhas.

Após ligeira pausa debaixo dos freixos, o animal prosseguiu na caça. Devastador como um ciclone, abrindo caminho sem esforço, perseguia o leão em fuga para o Oeste, enquanto o leopardo, parando, contemplava a cena. Os dois vultos foram desaparecendo, e o homem pensou em deixar o seu retiro porque o leopardo o inquietava pouco, quando a cena se complicou: o leão regressava obliquamente, por ter achado algum obstáculo, pântano ou fosso.

O homem sorriu, chasqueando o leão, por não ter calculado melhor a fuga, e retraiu-se para o seu esconderijo, porque os dois colossais antagonistas vinham na direcção dele. Como era natural, retardado pelo desvio e pelo peso do veado, o fugitivo perdia terreno.

Que fazer? O caçador estendeu a vista em torno de si: para alcançar algum choupo era mister galgar duzentos cúbitos e, além disso, o espeleu^[4] trepava às árvores.^{7} Quanto à rocha dos trogloditas, ficava ainda a uma distância dez vezes maior. Preferiu sujeitar-se à ventura.

A sua hesitação foi rápida.

Em dois minutos, as feras atingiam a beira do seu retiro. Ali, o leão, vendo que a fuga era inútil, deixou cair o veado, e esperou. Foi um momento de tréguas, uma suspensão como a de há pouco, quando o leopardo segurava a presa. Em volta, o silêncio, a hora da anunciação, a hora em que os nocturnos vão dormir e os diurnos renascem para a luz. Claridades de sonho, cimos de árvores embebendo-se em algodoamentos pálidos, guarnições de graminias lanceoladas meneando-se ao sopro hesitante do Poente, e, por toda a parte, o vago, o confuso, a emboscada da natureza, feita de fronteiras arborescentes, de clareiras, de faixas cetinosas de céu.

Lá em cima, os astros despertos, o salmo da eterna vida.

Sobre um montículo, o espeleu recortava na claridade lunar o seu perfil altivo de dominador, a crina pendente sobre uma peladura mosqueada de pantera, a testa chata, as maxilas proeminentes,—rei outrora da Europa cheleana, em decadência hoje, reduzida a estreitas faixas de território. Mais abaixo, o leão, de respiração rouca, a pesada garra assente sobre o veado, hesitante em face do colosso, como pouco antes o leopardo diante dele, uma fosforescência nas suas pupilas, mesclada de receio e cólera. Na penumbra, já familiarizado com o drama, o homem.

Um rugido surdo se espalhou; o esceleu sacudiu a{8} crina e começou a descer. O leão, em recuo, de dentes descobertos, largou por dois segundos a presa; depois, desesperado, estimulado pelo orgulho, voltou com um rugido mais estrepitoso que o do seu adversário, e assentou de novo a garra no veado.

Queria dizer que aceitava o combate. O esceleu não obstante a sua força prodigiosa, não respondeu logo. Parado, acuado, examinava o leão, calculava-lhe a força e a agilidade. O outro, com a altivez da sua raça, conserva-se de pé, de cabeça erguida. Novo rugido do agressor, uma réplica retumbante do leão, e achavam-se a um salto de distância.

—Lô! Lô!—murmurou o homem.

O esceleu transpôs a distância, a sua garra monstruosa levantou-se ante as unhas do inimigo. Por dois segundos, a pata ruiva e a pata mosqueada defrontaram-se num armistício final. Depois, o ataque, uma confusão de crinas e maxilas, bramidos ferozes, enquanto o sangue escorria.

Ao principio, o leão dobrou-se, sob o tremendo assalto. Desembaraçado em seguida, fez um salto transversal, atacou de flanco e a batalha tornou-se indecisa, amortecido o arrojo do esceleu. De repente, o frenesim dos organismos, a agitação dos músculos de bronze, a indecisão de esforços malogrados, o revoltar das crinas ao clarão da lua, um despegar de carnes igual às palpitações de uma onda no mar, a espuma das goelas e a fosforescência das pupilas fulvas, bramidos semelhantes ao restrugir das tempestades nas franças dos carvalhos...{9}

Finalmente, o leão, ferido por um golpe terrível, caiu, rolando; e o esceleu, como um raio, atirou-se sobre ele e começou a rasgar-lhe o ventre.

Debateu-se o leão, rugindo medonhamente. Conseguiu porém levantar-se ainda, de entranhas pendentes e juba ensanguentada. Compreendendo não só a impossibilidade de fugir, senão também que o outro não se apiedaria dele, fez rosto sem fraqueza, e reentrou no combate com tal fúria, que, durante minutos, o esceleu não pôde dominá-lo.

Mas o desenlace aproximava-se, as forças do vencido decresciam rapidamente: dominado de novo, deitado em terra, veio o suplicio, o encarniçamento do mais forte, as vísceras do leão arrancadas, os seus ossos partidos entre arpéus poderosíssimos, a sua face triturada e disforme..., e os rugidos da agonia, repercutidos através do horizonte, cada vez mais roucos, mais débeis, transmudados logo em suspiros, em estertores, em tremor de vértebras... Enfim, uma convulsão de garganta, um arranco lamentoso, e o soberano animal expirava.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

